

LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base um trecho de uma carta do Padre Antonio Vieira (1608-1697) e um soneto do poeta simbolista brasileiro Péthion de Villar (Egas Moniz Barreto de Aragão, 1870-1924).

Carta XIII – Ao Rei D. João IV – 4 de abril de 1654
(...)

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V.M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

Primeiramente nenhum destes índios vai senão violentado e por força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os anos morrem muitos, por ser venenosíssimo o vapor do tabaco: o rigor com que são tratados é mais que de escravos; os nomes que lhes chamam e que eles muito sentem, feiíssimos; o comer é quase nenhum; a paga tão limitada que não satisfaz a menor parte do tempo nem do trabalho; e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas, e muito distante das aldeias, estão os índios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente eles e elas em mau estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não têm os pais tempo para fazer suas roças, com que as aldeias estão sempre em grandíssima fome e miséria.

Também assim ausentes e divididos não podem os índios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da fé, nem ouvem missa nem a têm para a ouvir, nem se confessam pela Quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, ainda na morte; e assim morrem e se vão ao Inferno, sem haver quem tenha cuidado de seus corpos nem de suas almas, sendo juntamente causa estas crueldades de que muitos índios já cristãos se ausentam de suas povoações, e se vão para a gentildade, e de que os gentios do sertão não queiram vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigam, a que eles de nenhum modo são costumados, e assim se vêm a perder as conversões e os já convertidos; e os que governam são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem; e isto é o que cá se faz hoje e o que se fez até agora.

(Padre Antonio Vieira. Carta XIII. 1949.)

O Último Pajé

Cheio de angústia e de rancor, calado,
Solene e só, a fronte carrancuda,
Morre o velho Pajé, crucificado
Na sua dor, tragicamente muda.

Vê-se-lhe aos pés, disperso e profanado,
O troféu dos avós: a flecha aguda,
O terrível tacape ensangüentado,
Que outrora erguia aquela mão sanhuda.

Vencida a sua raça tão valente,
Errante, perseguida cruelmente,
Ao estertor das matas derrubadas!

"Tupã mentiu!" e erguendo as mãos sagradas,
Dobra o joelho e a calva sobranceira
Para beijar a terra brasileira.

(Péthion de Villar. A morte do pajé. 1978.)

1

Embora separados por mais de dois séculos, os textos apresentados focalizam uma mesma questão social surgida no Brasil-Colônia, que tem repercussões até os dias atuais. Releia os dois textos com atenção e, a seguir,

- identifique a questão social abordada por ambos os textos;
- explique em que medida o poema de Péthion de Villar, escrito em 1900, simboliza, com certa dramaticidade, um dos desfechos possíveis dos problemas apontados em 1654 por Vieira ao rei de Portugal.

Resolução

- Nos dois textos, a "questão social" abordada é a do tratamento dado aos índios pelos colonizadores. Vítimas de "rigor" ainda mais brutal do que o dirigido aos escravos, privados de sua cultura sem ser beneficiados pela cultura de seus conquistadores, a cena culminante do soneto de Péthion de Villar representa o sacerdote indígena clamando pateticamente contra a traição de seu deus, ao mesmo tempo em que se entrega ao domínio dos novos senhores de sua terra.*
- O desfecho para a "questão indígena" simbolizado no soneto de Péthion de Villar é catastrófico (e, de muitas formas, confirmado pelos fatos): o Pajé, representante sagrado da cultura indígena, ao bradar contra a "mentira" de Tupã, abandona sua cultura e se entrega, de forma rebaixada, humilhante, à cultura inimiga.*

Podemos estranhar, por vezes, o emprego de certas palavras nos textos, seja por não serem muito comumente usadas, seja por manobras estilístico-expressivas do escritor. O contexto em que tais palavras se encontram, todavia, permite percebermos o sentido sem que precisemos socorrer-nos do dicionário. Com base neste comentário,

- a) aponte o que pretende significar Vieira, no terceiro parágrafo, sob o ponto de vista religioso, com a expressão "gentios do sertão";
- b) estabeleça, com base na leitura de todo o poema, o sentido que a palavra "crucificado" apresenta no terceiro verso do soneto de Pêthion.

Resolução

- a) *A expressão "gentios do sertão" refere-se aos índios não-convertidos que viviam afastados das povoações.*
- b) *"Crucificado" é uma metáfora da dor e do desespero do Pajé, representado com uma imagem que o aproxima de Cristo. Há, pois, comparação implícita entre o suplício de Cristo e o do "Último Pajé".*

Ao focalizar como tema a mesma questão histórico-social, Vieira e Pêthion o fazem sob pontos de vista distintos. Lembrando que Vieira escreve uma carta ao rei e que Pêthion escreve um poema, responda.

- a) O que quer enfatizar Vieira com a frase final "... e isto é o que cá se faz hoje e o que se fez até agora"?
- b) Por que, mesmo situando seu conteúdo num plano imaginário, idealizado, simbólico, o poema de Pêthion não desfigura a realidade em que se baseia?

Resolução

- a) *Vieira chama a atenção do rei para os desmandos, os abusos e os absurdos com que os colonizadores portugueses tratavam os habitantes da terra conquistada. Sendo o rei o responsável final pela colonização, cujos procedimentos brutais são execrados por Vieira, era natural que a ênfase do jesuíta incidisse sobre "o que cá se faz e o que se fez", uma vez que cabia ao rei providenciar mudanças na situação calamitosa em que estava sua colônia.*
- b) *O poema de Pêthion de Villar apresenta uma alegoria da dizimação da sociedade indígena. Nela, encontram expressão diversos aspectos da realidade catastrófica vivida pelos índios: a profanação de sua cultura, a perseguição cruel, a humilhante rendição.*

INSTRUÇÃO: As questões de números **04** a **07** fazem referência a uma passagem da *Bíblia Sagrada* (Livro do Eclesiastes) e um fragmento do livro *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, de Matias Aires (Matias Aires Ramos da Silva de Eça, 1705-1763).

Livro do Eclesiastes

Introdução

1 Palavras do Eclesiastes filho de David, rei de Jerusalém.

2 Vaidade de vaidades, disse o Eclesiastes; vaidade de vaidades, tudo é vaidade.

3 Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?

4 Uma geração passa, e outra geração lhe sucede; mas a terra permanece sempre estável.

5 O sol nasce e põe-se, e torna ao lugar donde partiu, e, renascendo aí,

6 dirige o seu giro para o meio-dia, e depois declina para o norte; o vento corre, visitando tudo em roda, e volta a começar os seus circuitos.

7 Todos os rios entram no mar, e o mar nem por isso trasborda; os rios voltam ao mesmo lugar donde saíram, para tornarem a correr.

8 Todas as coisas são difíceis; o homem não as pode explicar com palavras. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se cansa de ouvir.

9 O que é que foi? É o mesmo que há de ser. Que é o que se fez? O mesmo que se há de fazer.

10 Não há nada novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: eis aqui está uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós.

11 Não há memória das coisas antigas, mas também não haverá memória das coisas que hão de suceder depois de nós entre aqueles que viverão mais tarde.

12 Eu, o Eclesiastes, fui rei de Israel em Jerusalém,

13 e propus no meu coração inquirir e investigar sabiamente todas as coisas que se fazem debaixo do sol. Deus deu esta penosa ocupação aos filhos dos homens, para que se ocupassem nela.

14 Vi tudo o que se faz debaixo do sol, e achei que tudo era vaidade e aflição de espírito.

15 Os perversos dificilmente se corrigem, e o número dos insensatos é infinito.

(Bíblia Sagrada – Antigo Testamento.

Livro do Eclesiastes, I, 1-15. 1952.)

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os últimos suspiros, estamos dispendo a nossa pompa fúnebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para ocupação: nessa hora em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, e entramos a compor e a ordenar o nosso acompanhamento e assistência funeral; e com vanglória antecipada nos pomos a antever aquela cerimônia, a que chamam as nações últimas honras, devendo antes chamá-la vaidades últimas. Queremos que em cada um de nós se entregue à terra, com solenidade e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexorável! A vaidade no meio da agonia nos faz saborear a ostentação de um luxo que nos é posterior, e nos faz sensíveis as atenções que hão de dirigir-se à nossa insensibilidade. (...)

De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade: e se esconde de tal forma, que a si mesma se oculta e ignora: ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística, que quem a tem não a conhece nem distingue: a satisfação própria, que a alma recebe, é como um espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar o bem.

Não há maior injúria que o desprezo; e é porque o desprezo todo se dirige e ofende a vaidade; por isso a perda da honra aflige mais que a da fortuna; não porque esta deixe de ter um objeto mais certo e mais visível, mas porque aquela toda se compõe da vaidade, que é em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida, e quase sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra, não lhe serve de alívio a vida que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser, que para durarem na vaidade. Justo fora que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quase sempre um desvario que se sustenta na estimação dos homens, e só vive da opinião deles.

(Matias Aires Ramos da Silva de Eça. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. 1953.)

4

Entre as acepções que fornece o dicionário *Aurélio* para *vaidade* encontramos: "1. Qualidade do que é vão, ilusório, instável ou pouco duradouro. 2. Desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens."

Levando em consideração que o livro de Matias Aires apresenta em epígrafe o versículo 2 do *Eclesiastes*, releia os dois fragmentos apresentados e, em seguida,

- demonstre qual das duas acepções fornecidas pelo *Aurélio* predomina no versículo 11 do *Eclesiastes*;
- considerando as duas acepções dadas pelo *Aurélio*, defina o que quer significar, ironicamente, Matias Aires com a expressão "vanglória antecipada".

Resolução

- O versículo 11 do *Eclesiastes* preceitua que não há memória das coisas passadas, nem haverá das vindouras, o que sugere a primeira acepção que o dicionário *Aurélio* fornece para *vaidade*: "1. Qualidade do que é vão, ilusório, instável e pouco duradouro". Esta acepção é corroborada, no texto bíblico, pelos dois versículos anteriores, especialmente o décimo, que preceitua: "Não há nada novo debaixo do sol e ninguém pode dizer: eis aqui está uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós".
- A "vanglória antecipada" de que nos fala Matias Aires alinha-se à acepção do "desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens" (*Aurélio*), e de tal forma imoderado que se estende às "últimas honras", às pompas fúnebres, que o prosador seiscentista, no mesmo tom de fina ironia, denomina "vaidades últimas". Justificando a expressão de que se vale – "vanglória antecipada" –, Matias Aires invoca a solenidade e o fausto de que revestimos os ritos mortuários ("a ostentação de um luxo que nos é posterior"), como se pudéssemos saboreá-los post

mortem. Lembra ainda o moralista barroco a fantasia que nos faz, ainda na condição de mortais, "sensíveis às atenções que hão de dirigir-se à nossa insensibilidade (...)", antegozando as lembranças e homenagens fúnebres. (O discurso fúnebre que Brás Cubas antecipadamente encomendou para suas exéquias é um exemplo machadiano dessa vaidade.)

5

A abordagem de Matias Aires sobre a vaidade, no fragmento apresentado, fecha o foco sobre o comportamento social do indivíduo. Levando em consideração este comentário,

- comprove com elementos textuais que, para Matias Aires, o sentimento da *vaidade* pressupõe um público;
- explique, com base na argumentação de Matias Aires, por que este considera existir vaidade até mesmo no homem piedoso.

Resolução

- A *convicção* de Matias Aires de que "o sentimento da *vaidade* pressupõe um público" é cabalmente afirmada no final do fragmento, quando o prosador barroco sustenta que a "honra", forma extremada da *vaidade*, é "quase sempre um desvario que se sustenta na estimação dos homens, e só vive na opinião deles." Em outras passagens, reitera-se essa mesma relação: a necessidade de um público para as homenagens póstumas e a *vaidade* que subsiste mesmo na prática do bem, na ação do piedoso que também almeja o reconhecimento de sua virtude.
- Essa *vaidade*, que existe até mesmo no homem piedoso, é a que Matias Aires chama "vaidade mística", que "a si mesma se oculta e ignora", mas que ocorre na "satisfação própria, que a alma recebe [e que] é como um espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a *vaidade* de obrar o bem".

6

No *Eclesiastes* se verifica a adoção de períodos breves, de um vocabulário simples e eficaz e também de interrogações habilmente colocadas nos versículos 3 e 9, que esclarecem o argumento dominante. Tomando por base este comentário,

- reescreva o versículo 9, substituindo as formas verbais "foi", "ser", "fez" e "fazer" por outras formas de outros verbos, buscando preservar, porém, o sentido das frases em que se encontram;
- também procurando preservar ao máximo o sentido, reescreva o versículo 9, transformando cada seqüência de "pergunta-resposta" em um período declarativo, de modo a produzir apenas uma seqüência de dois períodos declarativos.

Resolução

- O que é que aconteceu? É o mesmo que há de acontecer (ocorrer). Que é o que se realizou? O mesmo que se há de realizar.
- O que foi é o mesmo que há de ser. O que se fez é o mesmo que se há de fazer.

Alguns pronomes apresentam-se como *anafóricos*, isto é, referem-se a um sintagma nominal que os antecede no enunciado, como é o caso, por exemplo, do pronome pessoal do caso oblíquo “a” (empregado antes de “publiquei”), que se refere a “a reportagem” no período “Você me enviou com atraso a reportagem, e por isso eu não a publiquei logo.” De posse desta informação,

- a) indique o núcleo do sintagma nominal a que se refere o pronome “a” empregado antes da forma verbal “pode” no versículo 8 do fragmento do *Eclesiastes*;
- b) responda, com base na verificação da presença ou ausência de um sintagma antecedente, se o demonstrativo “aquela” se apresenta ou não como anafórico no período que vai de “Não há maior injúria” até “a parte mais sensível”, que inicia o último parágrafo do fragmento de Matias Aires.

Resolução

- a) *O pronome oblíquo átono a refere-se ao sintagma nominal “as coisas”.*
- b) *O pronome demonstrativo “aquela” é anafórico, pois retoma a palavra “honra”, presente no mesmo período.*

INSTRUÇÃO: As questões de números **08** a **10** se baseiam na letra do samba-canção *Vingança*, de Lupicínio Rodrigues (1914-1974), na letra de *Olhos nos Olhos*, de Chico Buarque de Hollanda (1944-) e numa tira do *Casal Neuras*, de Glauco (Glauco Villas-Boas, 1957-).

Vingança

Eu gostei tanto,
Tanto quando me contaram
Que lhe encontraram
Bebendo, chorando
Na mesa de um bar.
E que quando os amigos do peito
Por mim perguntaram
Um soluço cortou sua voz,
Não lhe deixou falar.
Eu gostei tanto,
Tanto quando me contaram
Que tive mesmo de fazer esforço
P'ra ninguém notar.

O remorso talvez seja a causa
Do seu desespero
Ela deve estar bem consciente
Do que praticou,
Me fazer passar tanta vergonha
Com um companheiro
E a vergonha
É a herança maior que meu pai me deixou;
Mas, enquanto houver voz no meu peito
Eu não quero mais nada
De p'ra todos os santos vingança,
Vingança clamar,
Ela há de rolar qual as pedras
Que rolam na estrada
Sem ter nunca um cantinho de seu
P'ra poder descansar.
(Lupicínio Rodrigues. *Vingança*. 1951.)

Olhos nos Olhos

Quando você me deixou, meu bem
Me disse pra ser feliz e passar bem
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era de costume, obedeci

Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçando
me pego cantando
Sem mais nem porquê
E tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você

Quando talvez precisar de mim
'Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
olhos nos olhos, quero ver o que você diz
quero ver como suporta me ver tão feliz.
(Chico Buarque. *Letra e música*. 1989.)



(Glauco. *Casal Neuras*. Folha de S.Paulo, 05.06.2005.)

8

As duas letras e a tira apresentadas têm como identidade o fato de focalizarem e expressarem o ciúme e outros sentimentos a este associados, que podem surgir durante a relação ou com a separação de um casal. Tendo em mente esta orientação,

- menção de um desses sentimentos associados ao ciúme que a personagem masculina da letra de Lupicínio Rodrigues nutre e expressa com relação à ex-companheira;
- demonstre que, no texto de Chico Buarque, a personagem feminina expressa seus sentimentos de modo mais sutil e refinado do que a personagem masculina no texto de Lupicínio.

Resolução

- Os sentimentos associados ao ciúme são o da vergonha ("Me fazer passar tanta vergonha") e o da vingança ("Vingança clamar").*
- O sentimento de vingança, em Olhos nos Olhos, aparece de forma irônica e sutil. O eu lírico feminino rebaixa e despreza o ex-companheiro, já que refez a vida amorosa e sente-se mais feliz com outros homens. Essa agressão irônica aparece inclusive no vocativo "meu bem". Distancia-se, portanto, do passionalismo destrutivo presente em Vingança.*

Em ambas as letras o eu-lírico se refere à ex-companheira (letra de Lupicínio) e ao ex-companheiro (letra de Chico), sendo diferente, porém, a forma gramatical de fazerem essa referência. Examine atentamente o emprego dos pronomes pessoais e de tratamento nas duas letras e, a seguir,

- determine a forma de tratamento pela qual a personagem feminina faz referência ao ex-companheiro na letra de Chico Buarque;
- considerando que em versões mais recentes da letra de *Vingança* alguns editores, provavelmente influenciados pelo emprego de "lhe" na primeira estrofe, substituem na segunda estrofe "ela" por "você", justifique a razão dessa troca.

Resolução

- A forma de tratamento pela qual a personagem feminina faz referência ao ex-companheiro é o pronome de terceira pessoa do singular você ou a sua forma apocopada (cê). As formas imperativas mantêm a mesma pessoa (venha), assim como a forma no presente do indicativo ("como suporta").*
- Os editores apontados como responsáveis pela alteração teriam pensado que lhe correspondesse apenas ao pronome de tratamento você. Ocorre, porém, que você tem a vantagem de permitir que a canção seja interpretada por uma cantora, sem com isso atribuir um sentido homossexual à letra. É isso, aliás, que faz Dircinha Batista em sua célebre gravação de Vingança. Portanto, não é correto supor que a mudança do pronome tenha ocorrido apenas em "versões mais recentes da letra". Outra razão que pode ter motivado a troca de pronome é que você, embora seja a terceira pessoa verbal, é na verdade pronome de segunda pessoa, pois designa o interlocutor. Assim sendo, o eu lírico da canção de Lupicínio estaria dirigindo suas palavras à (ou ao) amante, e não a terceiros.*

Embora explore o mesmo tema das duas letras, a tira de Glauco diferencia-se pelo tipo de abordagem, que não apresenta a emotividade intensa da letra de Lupicínio, nem o sentimento sutil da letra de Chico. Com base nesta observação e tendo em mente a natureza das tiras de jornais ou revistas,

- aponte essa diferença de tipo de abordagem do tema na tira de Glauco;
- explique a relação aparentemente absurda entre a imagem e a frase no último quadrinho.

Resolução

- Na tira de Glauco, a intenção humorística, o espaço exíguo e a necessidade de ilustrar sentimentos e emoções por meio de imagens fazem que o ciúme seja representado, alegoricamente, por um bicho monstruoso e a dor do ciúme, metaforicamente, por uma facada.*
- A relação entre a fala e a imagem não é, de fato, absurda, pois a facada representada na imagem é a forma de o ciúme "matar a saudade", que tem da personagem.*

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os seguintes textos.

O "demônio" dos ciúmes

Quaisquer que sejam os pontos de vista em que se achem colocados os psicólogos para estudar os vários aspectos do ciúme, é comum nas suas conclusões o caráter profundamente disfórico, molesto e torturante de sua vivência. O próprio Santo Agostinho, em suas *Confissões*, afirma que era "flagelado pela férrea e abrasadora tortura dos ciúmes"; antes e depois dele, a Literatura e a História coincidiram em conceder-lhes a categoria de "máximo tormento" e, mais recentemente, a Psicologia o confirma, ao analisar o *ressentimento*, que é seu ingrediente básico.

Efetivamente, se de algum modo se pode caracterizar o estado do Ser ciumento é definindo-o como uma perseverante e complexa frustração: sente amor e julga-se não correspondido (ou, o que é ainda pior, *falsamente* correspondido); sente raiva, mas compreende a ineficácia de demonstrá-la; sente temor e não pode fugir; sente, pois, intensamente, uma necessidade de ação, e, simultaneamente, percebe sua impotência, desde que a solução do caso não depende dele e sim dos outros ... e não consiste precisamente em "atos" mas em "sentimentos" ... que não podem impor-se nem suprimir-se, que não obedecem a razões nem coações... Assim, o Ser que é devorado ou consumido pelos ciúmes vive em perpétua tensão, sem poder assumir uma atitude mental definitiva, bamboleando-se continuamente entre a fé e o desespero.

Os ciúmes são vividos de modo diferente pela mulher e pelo homem, e também o são, em cada sexo, de acordo com o tipo de Amor.

(Emilio Mira y López. *Quatro gigantes da alma*. 1966.)

Nas Garras do Ciúme

Atire a primeira pedra quem nunca se sentiu enciumado, ainda que tenha mantido o fato em segredo. Sutil ou avassalador, esse é um dos sentimentos mais contundentes do ser humano. Talvez por isso seja fonte de inspiração para escritores e compositores. O ciúme está no centro do inferno emocional de Bentinho, personagem esculpido por Machado de Assis no romance *Dom Casmurro* que passa os dias dominado por incertezas e fantasias sobre a possível traição da idolatrada Capitu. Em *Otelo*, de William Shakespeare, ele é o "monstro de olhos verdes" que leva ao assassinato de Desdêmona. Na música, também não faltam exemplos. "O ciúme foi cantado por Orlando Silva, Roberto Carlos e Caetano Veloso, entre tantos outros", lembra Luiz Tatit, compositor e professor da Universidade de São Paulo (USP). E, claro, não há novela que não leve um toque dessa pimenta nas relações.

Na vida real, o ciúme é um dos temas que aparecem com frequência nas conversas com amigos, nas sessões de terapia. É compreensível. Afinal, no dia-a-dia, é difícil ignorá-lo. "É natural sentir ciúme. É como sentir dor ou fome", diz o especialista Ailton Amélio da Silva, da USP. Também é verdade que, no Carnaval, o monstro ataca com volúpia. Em sua consciência, nessa época de barriguinhas lindas à mostra, quem deixaria o parceiro passar o feriado sozinho? No entanto, para o desespero dos mais preocupados, além do Carnaval e das situações comuns que podem ser estopins de uma crise, como uma simples ida a um restaurante, surgem outras capazes de despertar o monstro. As imensas possibilidades de contato com outras pessoas abertas pelas relações virtuais estão entre elas. Não é exagero dizer que as

novas ferramentas de comunicação da internet estão para o ciúme como a gasolina está para apagar incêndio. O Orkut, por exemplo, é uma janela para o mundo que permite fazer contatos ou reencontrar antigos amores. Mas, para quem tem tendência ao ciúme, é mais uma trincheira de briga. Em geral, por causa de recados deixados nas páginas de visita. O correio eletrônico é outro cenário que atrai desconfiados decididos a escarafunchar as mensagens eletrônicas atrás de pistas de traição.

O sentimento também se infiltra nas baladas. Por trás do clima aparentemente descomprometido das festas, estão jovens que muitas vezes não se dão o direito de admitir o desconforto quando o parceiro acha nova companhia. O que a moçada tenta fazer é administrar a situação. Na verdade, na geração adepta do ficar (trocar carícias sem compromisso), o ciúme perdeu espaço. "O ficar transformou a relação com o ciúme, que se mantém mais escondido", avalia o psicólogo Ailton.

(ISTOÉ. Nas garras do ciúme. 09.02.2005.)

Proposição

Os textos apresentados como base para esta redação colocam a questão do sentimento do ciúme. Este sentimento, que pode tornar-se muito intenso e perturbar o comportamento do indivíduo, surge em todas as formas do relacionamento humano, mas é particularmente notável na relação amorosa, o que explica a frequência com que é abordado na literatura e na arte. Os textos que serviram de base às questões de números 08 a 10 abordam igualmente a questão do ciúme e de outros sentimentos a ele associados, que podem assumir bastante intensidade durante a relação ou até mesmo após a separação do casal. Com base neste comentário e, se julgar necessário, nos textos mencionados, faça uma redação *em prosa*, de gênero *dissertativo*, sobre o tema

O SENTIMENTO DO CIÚME EM
NOSSAS RELAÇÕES.

Comentário à proposta de Redação

Fragmentos denominados O "demônio" dos ciúmes, de Quatro gigantes da alma, de E. Mira y López, e Nas garras do ciúme, da revista ISTOÉ, foram apresentados como base para que o candidato redigisse uma dissertação sobre o tema: O sentimento do ciúme em nossas relações. Além desses fragmentos, o vestibulando pôde contar com idéias contidas em duas letras de músicas que constaram da Prova de Língua Portuguesa (Vingança, de Lupicínio Rodrigues, e Olhos nos Olhos, de Chico Buarque). Ambas, acompanhadas por uma tira do Casal Neuras, do desenhista Glauco, caracterizam-se por "focalizarem e expressarem o ciúme e outros sentimentos a ele associados".

Caberia observar que a própria Banca Examinadora, em sua proposição, descreve o ciúme como um "sentimento que surge em todas as formas do relacionamento humano, mas é particularmente notável na relação amorosa". Diante de tantas informações sobre o tema, explorado à exaustão na literatura de todos os tempos, bem como na música e em outras formas de arte, caberia ao candidato a tarefa de selecionar os aspectos que julgasse mais relevantes a sua análise.

No que diz respeito às relações amorosas, seria apropriado mencionar as causas mais comuns das manifestações de ciúme, como possessividade, insegurança, desconfiança em relação ao parceiro, além do medo da rejeição e do abandono. Caberia apontar, entre as conseqüências desse sentimento, o sofrimento do próprio ciumento, que muitas vezes tem suficiente lucidez para perceber o ridículo de suas ações, mas ao mesmo tempo se sente impotente para controlá-las, resultando daí atitudes passionais que levam à corrosão dos relacionamentos, quando não a traumáticas separações.

Outro aspecto a ser considerado seria o surgimento de novas formas de contato entre pessoas do mundo todo, via internet. Assim, "Orkut", salas de bate-papo e correio eletrônico forneceriam combustível suficiente para inflamar os corações enciumados.

Como forma de se controlar tal sentimento, caberia sugerir a procura de ajuda especializada para aquilo que a Literatura e a História qualificaram como "máximo tormento", tendo ainda como ingrediente básico, segundo a Psicologia, o "ressentimento".

COMENTÁRIO E GRÁFICO

Boa prova – bem elaborada e inteligente na maioria de suas questões –, que mantém o padrão dos vestibulares de Português da Unesp, sempre marcados por competência e sensatez. Como tem ocorrido em exames anteriores, há, por vezes, uma desproporção entre o enunciado longo, elaborado, aparentemente "difícil", e a questão, que lhe corresponde, simples, quase banal. É possível que esta seja a intenção do Examinador, de qualquer forma inusual e responsável por desnecessárias dificuldades para os candidatos.

	70%	Texto
	30%	Língua